

ERA UMA VEZ... PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA COM CRIANÇAS PEQUENAS E SEUS PARES SOCIAIS – FAMÍLIA E PROFESSORAS

Regina Aparecida Marques de Souza/UFMS

Ordália Alves Almeida/UFMS

Terezinha Bazé de Lima

Amanda Czernisz Barbosa/UFMS

Felipe Vieira Gimenez/UFMS

Jeanne Karla Lima Fernandes/UFMS

RESUMO

O presente estudo é resultado das ações de dois projetos: um de extensão e um de pesquisa, intitulados “Era uma vez... práticas de letramento com crianças de 6 a 36 meses e suas mães”, realizado em um Centro de Educação Infantil (CEINF), no município de Campo Grande/MS. Objetivo do estudo foi analisar a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem oral de crianças na mais tenra idade, incentivando as práticas de letramento, com o uso de leituras da literatura infantil e outros gêneros que fazem parte do cotidiano da leitura e da escrita dos sujeitos-alvo do estudo. Foi nossa opção metodológica a pesquisa qualitativa, com enfoque na perspectiva longitudinal; a dimensão temporal (tempo de realização), três anos, com a intenção de manter envolvidas tanto as crianças quanto suas mães/família na passagem dessa etapa para a escola. O estudo foi realizado de 2011 a 2013, em encontros quinzenais ou mensais, de acordo com as possibilidades dos sujeitos envolvidos. Utilizamos como instrumentos de pesquisa: filmagens, observações, fotografias e entrevistas. O trabalho efetivou-se por meio dos estudos realizados no Grupo de Estudos e Pesquisa em Letramento/Leitura, Educação/Escrita e Infância (Geplei/UFMS), tendo a teoria histórico-cultural de Vigotski (1993, -2000, 2010) opção teórica, e os trabalhos de Soares (2010); Souza (2008 e 2011), Mello (2012) e Tfouni (2010) como aportes teóricos na compreensão das questões referentes a cultura escrita e ao letramento. Tendo em vista os estudos teóricos realizados no período anterior ao da pesquisa, diversas eram as inquietações: Como se daria o desfecho da articulação entre a teoria e a prática? Como seria possível trabalhar e apresentar atividades de leitura e escrita que fazem parte do cotidiano da criança de modo cultivado e não imposto? Como seria trabalhar na Educação Infantil, mais especificamente com bebês de 6 a 36 meses, apresentando ao/a professor/a como prática plausível para considerar a infância e suas especificidades, colocando-a como centro do processo de aprendizagem e desenvolvimento, excluindo principalmente as funções assistencialistas (consideradas pela sociedade como o trabalho exercido nas instituições infantis). A título de apresentação, foi possível vivenciar experiências bem-sucedidas ao longo dos projetos de extensão e pesquisa, pois contávamos com a colaboração e participação efetiva de profissionais da instituição, mães/pais e/ou responsáveis pela criança, o que garante afirmar que, apesar de a família contemporânea se distanciar em grande parte do tempo das crianças, seja por conta do trabalho, seja pela garantia de cuidado e educação em período integral de parte da instituição), é possível integrá-la de modo ativo no processo de apropriação do conhecimento e de comportamentos leitores por parte da criança, da família e dos/as profissionais da instituição infantil. Foi possível constatar que os momentos de contato da criança com a leitura e a escrita através de vários gêneros textuais, mesmo sem o domínio da leitura convencional, lhe permitiram a imersão no processo de letramento.

Palavras-Chave: Leitura. Escrita. Criança.

Iniciando a Conversa

O presente trabalho é resultado das primeiras observações realizadas nos projetos de pesquisa e extensão intitulados “Era uma vez... Práticas de Letramento com crianças de 6 a 24 meses e suas mães: entre o cuidar e o educar na instituição de Educação Infantil”, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (Preae) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS), Unidade de Educação do *campus* de Campo Grande. O projeto buscou estimular a participação de mães/pais e/ou responsáveis pelos bebês no desenvolvimento da linguagem oral e da escrita, na perspectiva de que pudessem acompanhar o trabalho de leitura de obras da literatura infantil brasileira e clássica e o contato com materiais de escrita do cotidiano dos sujeitos-alvo do nosso estudo.

O projeto teve início em 2011, em um Centro de Educação Infantil (CEINF), localizado no bairro Guanandi, no município de Campo Grande/MS. Iniciamos as práticas de letramento na sala do berçário. Para as ações do projeto organizamos um cronograma de encontros quinzenais com um grupo de oito a dez mães, acompanhadas pelos/as seus/suas filhos/as. No decorrer das ações, tivemos de readequar o cronograma pela dificuldade da participação quinzenal das famílias, transformando em mensais tais encontros. Buscamos, nesses três anos, acompanhar e estimular crianças e mães/pais a conhecer as práticas de leitura e escrita realizadas pelo grupo-alvo do estudo.

A pesquisa se efetivou e efetiva por meio dos encontros realizados no Grupo de Estudos e Pesquisa em Leitura, Escrita e Infância (Geplei/THC), que acontece, uma vez por mês, na Unidade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com sessões de estudos que priorizam a teoria histórico-cultural de Vigotski e seus colaboradores (Leontiev, Luria, Elkonin, entre outros), na perspectiva de se compreenderem os pressupostos relacionados à prática pedagógica dos/as professores/as da infância, relacionando-os com os do letramento, a partir dos estudos de Magda Soares, Angela Kleiman, Sérgio Antonio Leite e do grupo Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), da Universidade Federal de Minas Gerais¹.

Os objetivos deste trabalho consistem, então, em apontar as possibilidades de trabalho de leitura e escrita com crianças desta faixa etária, destacando, nesse processo, as

¹ Retirado na íntegra do site <http://www.geplei.ufms.br/>

atividades lúdicas desenvolvidas com a participação de mães/pais, professores/as e acadêmicos/as e os usos e práticas da linguagem oral e escrita fora da instituição educativa.

Pesquisar a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças pequenas em instituições de educação infantil é um desafio, principalmente porque ousamos convidar mães/pais e/ou responsáveis dos bebês para um trabalho em parceria em casa e na instituição. Colocamos nesse desafio por acreditar que os eventos de letramento, parte do dia a dia das crianças, são instrumentos significativos e atrativos para articular com o universo cultural dos sujeitos.

A metodologia dessa pesquisa se inseriu no tipo qualitativo, com enfoque no método do materialismo histórico-dialético, por considerarmos, de acordo com Barbosa e Magalhães (2004, p. 48), que “[...] trata de explicar e não descrever.” Com essa afirmação, estudamos no Geplei o método dialético para encaminhar nossas futuras análises no campo do projeto, para não só descrever as observações e as ações que realizamos, mas para explicar a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças a partir do contato com as práticas sociais de leitura e escrita no contexto institucional, articuladas com a vida cotidiana em família. Para a coleta desses dados, dispomos de observações, fotos, filmagens e relatórios.

Assim sendo, escolhemos o estudo de caso, que é o que mais se identifica com o nosso estudo. Para sua definição, recorremos a Larocca (2000 apud SOUZA, 2006, p. 93), que assim a define:

O estudo de caso consiste num tipo de pesquisa que toma o objeto como uma unidade, dentro de um sistema maior, a ser focalizado de modo intenso, profundo e exaustivo, para tornar possível a produção de um conhecimento mais amplo e detalhado sobre um dado objeto. Outros delineamentos de pesquisa nem sempre conseguem favorecer esta focalização mais intensa (p. 56).

Na realização do nosso estudo de caso, retiramos do ambiente as informações necessárias à realização da análise do desenvolvimento da linguagem oral dos bebês a partir do letramento em ação.

As atividades desenvolvidas seguiram as seguintes etapas:

- a) selecionamos mães interessadas em participar do projeto, no limite de dez mães;
- b) selecionamos e construímos atividades de escrita para os bebês;
- c) organizamos de 15 em 15 dias (quatro horas por dia), momentos de atividades de escrita após a(s) leitura(s) entre as mães, bebês e profissionais;

d) entrevistamos mães no decorrer do projeto para coletar suas opiniões sobre o processo vivido e buscar sugestões de atividades a serem desenvolvidas nos próximos encontros;

e) analisamos, através dos instrumentos: observações, entrevistas estruturadas, registros fotográficos e filmagens dos momentos vividos nas reuniões de trabalho.

Em suma, paralelamente ao estudo de caso, aprofundamos a teoria histórico-cultural de Vigotski e seus colaboradores no que se refere ao desenvolvimento das crianças em relação à linguagem oral; quanto à abordagem do letramento, utilizamos o referencial brasileiro, principalmente de Soares, Leite, Tfouni, Souza e Mello, entre outros.

Algumas inquietações emergiram no período anterior ao início dessa nova aventura e com esse público específico. Perguntávamo-nos: Como seria possível trabalhar e apresentar atividades de leitura e escrita que fazem parte do cotidiano da criança? Como trabalhar na Educação Infantil ou, mais especificamente, com bebês de 6 a 36 meses, apresentando ao/a professor/a e às mães e/ou responsáveis como prática plausível para considerar a infância e suas especificidades da tríade do cuidar, educar e brincar, colocando a criança como centro do processo de aprendizagem e desenvolvimento e, principalmente, excluindo, as funções assistencialistas que, muitas vezes, a sociedade considera serem o trabalho exercido nas instituições infantis?

Nossas ações assumiram relevância científica e social ao propor novas formas exploratórias do campo universitário em relação a uma comunidade educativa, pensando em seus impactos e possibilidades, principalmente em trabalhar com essa faixa etária, momento em que as crianças estão em pleno desenvolvimento da linguagem oral e escrita, em que o letramento e as rodas de leitura possibilitam uma ação conjunta com a diversidade de conhecimentos linguísticos, até sua efetiva participação dentro do contexto educacional, no sentido de dar voz a esta criança.

Observamos que a roda de leitura se tornou um palco para manifestações espontâneas das crianças a partir do que elas ouviam e sentiam, momentos estes que foram organizados pela prática de leitura, embasados no significado do letramento em ação.

A título de apresentação, foi possível vivenciar, ao longo desses três anos de projeto, experiências bem-sucedidas, pois contávamos com a colaboração e participação efetiva dos/as profissionais da instituição, das/os mães/pais e/ou responsável pela criança, o que garante afirmar – apesar do distanciamento da família contemporânea em grande parte do tempo das crianças, primeiro por conta de trabalhos e, segundo, pela confiança na

garantia de cuidado e educação em período integral por parte da instituição -, que é possível integrar a todos, de modo ativo, nesse processo de apropriação do conhecimento e gosto pela leitura.

Letramento, linguagem oral e escrita na educação infantil: reflexões teóricas

Ao pensar na construção da história dos sujeitos, logo nos vêm à memória as relações e interações que estabelecemos com diversas pessoas em sociedade, sendo elas a principal razão das modificações no meio em que vivemos e das mudanças estruturais que realizamos em nossas vidas enquanto sujeitos histórico-culturais.

No decorrer dessas mudanças, a leitura e a escrita desempenham um papel fundamental em nossa vida social e pessoal, pois ela é capaz de informar, apresentar concepções, criar momentos de prazer, bem como garantir a inserção nos mais diversos contextos sociais da leitura e da escrita.

Buscamos por estudos em torno do termo letramento, por se tratar de um termo recente, que começou a ser discutido em 1986, tendo como principal porta-voz a autora Mary Kato (SOARES, 2010). Geralmente, o conceito aparece associado ao termo alfabetização. Segundo Soares (2006), letramento é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. Sendo assim, entendemos que alfabetizar é ensinar, aprender a ler e a escrever; letramento é justamente o uso que se faz dessa escrita e leitura na sociedade.

A partir do momento em que a criança entra em contato com a leitura e a escrita por meio de diversos gêneros textuais, mesmo que não saiba ler convencionalmente, se em suas relações sociais tais práticas são contínuas, ela acaba imersa no processo de letramento.

Tfouni (2010, p. 12) descreve que “[...] o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social”. Assim, o letramento não se baseia apenas no domínio da leitura e da escrita, em codificar e decodificar os códigos, mas no uso que delas fazemos em sociedade, na capacidade de comunicar-se com o outro, de expressar-se e entender.

Verificamos os contextos grafocêntricos em que vivemos. Todos/as somos, de certa forma, letrados/as. É claro que devemos, nessa explicitação, levar em conta fatores sociais, econômicos e culturais, alguns em maior e outros em menor contato com a leitura e a escrita.

Transferindo esses significados para a educação infantil, observamos quão grande é a responsabilidade do/a professor/a em atuar como mediador/a no contato por parte da criança com materiais escritos e em situações de comunicações. De acordo com Mello (2012):

[...] a formação nas crianças da necessidade de ler e escrever, assim como da necessidade de se expressar, é provocada pela experiência coletiva quando o/a professor/a lê e escreve para a turma, quando o grupo vive situações significativas que provoquem o desejo de expressão da experiência vivida por meio de diferentes linguagens e de comunicação dessas experiências aos outros.

De tal forma, pensamos que educar, na educação infantil, pode ser dado como sinônimo de incentivar o uso da linguagem e de suas estruturas, criando momentos lúdicos e de interação entre as crianças com diversas linguagens, tais como as da música, da arte, da dança, da leitura de histórias da literatura infantil, entre outras, de modo a desenvolver a criança integralmente, valorizando sempre as inter-relações do adulto com a criança, permitindo que ela se expresse e produza livremente.

O fato de uma criança de 6 a 36 meses participar ainda mais das práticas de leitura e escrita não tem que levá-la ao ato da alfabetização. O que mais vemos é a tentativa de alfabetizar, como se essa fosse a única importância dentro de uma instituição de educação infantil como preparação ao ensino fundamental. Este não é o objetivo do letramento. Devemos levar essa criança a se interessar pela escrita e leitura e não forçá-la a isso, para que mais tarde não veja tais práticas como inimigas do seu viver.

Nós, professores/as, não somos os únicos a ensinar algo a uma criança. Ela mesma já possui um rico conhecimento de mundo, cabendo-nos aproveitar esse conhecimento prévio dentro da instituição e conduzi-la da melhor maneira possível, sempre com vistas ao processo educativo.

Acreditamos que trabalhar o letramento na educação infantil é garantir ao/a professor/a elaborar um trabalho que permita à criança conhecer o que se pretende quando se lhe apresentam a linguagem oral e a escrita. A primeira, ela expressa desde o nascimento, quando chora, balbucia, faz gestos e expressões, sendo estas as capacidades

elementares; a segunda, ela expressa muito antes de escrever convencionalmente. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil/DCNEI (2009, p. 4):

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

IV - recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço-temporais;

V - ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas.

Como podemos verificar nas DCNEIs, a linguagem oral e escrita vem juntamente com as demais linguagens; em nenhum momento se tem um posicionamento ou ênfase na escrita e na leitura, senão inseridas no grupo das diversas linguagens. É com essa intenção que nosso projeto caminha, trabalhando a linguagem oral e a escrita a partir de um todo, com a música, a arte plástica e a dramática, entre outras.

Nosso enfoque teórico destaca, de acordo com Vygotski (2000), que a linguagem escrita tem uma pré-história até chegar ao seu desenvolvimento definitivo. Ela se inicia com os gestos, que são “a escrita no ar”, representada, nas situações de desenho, com riscos, traços e pontos (VYGOTSKI, 2000). Outro momento citado pelo autor, que veicula gestos e linguagem escrita, são os jogos das crianças, quando elas usam a fantasia e a imaginação para representar situações que vivenciam no cotidiano. É nesse momento, para Vygotski (2000, p. 197), que as crianças representam o que vivenciam e o que conhecem por meio do desenho:

Para que el niño llegue a esse descubrimiento fundamental debe comprender que no solo se pueden dibujar las cosas, sino también el lenguaje. Esse fue el descubrimiento que llevó a al humanidad al método genial de la escritura por letras y palabras, y esse mismo descubrimiento lleva al niño a escribir las letras. Desde el punto de vista psicológico, este hecho equivale a pasar del dibujo de objetos al de las palabras.

Logo, forçar e antecipar a criança a escrever é obscurecer suas expressões, suas criações e seu modo de pensar a escrita, pois, ao rabiscar um papel, ela escreve algo, a seu modo, mas não deixa de ser uma escrita. Daí a importância de proporcionar às crianças

pequenas situações de pintura, colagem, folhas para traçar seus riscos e rabiscos livremente no período em que passam na instituição.

De acordo com o DCNEI (2009, p. 4): “III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; [...]”

Enfatizamos que é possível encontrar subsídios que se articulam com o conceito, mostrando ao/a professor/a a importância de se incentivar e criar ambientes na instituição educativa que estejam imersos no mundo da leitura e da escrita. Acreditamos que envolver a família nesse processo é um passo qualitativo para um trabalho que prime pelas especificidades da infância e da criança, bem como por um modo de expor a importância das práticas de letramento também nos espaços que a família vivencia diariamente com essa criança.

Damos ênfase ao trabalho com a linguagem oral e escrita, pois consideramos que os espaços das instituições infantis podem ser espaços também do educar, excluindo a visão assistencialista que a sociedade muitas vezes considera ser o trabalho realizado nessas instituições. Considerando a etapa de aprendizagem e desenvolvimento na idade que nos propusemos estudar, é essencial o uso da linguagem como formadora de conhecimento, uma vez que ela é a marca primordial do homem como ser social. Nessa questão, concordamos com Kramer (2002), quando afirma:

[...] o homem em uma infância, não foi sempre falante, e precisa, para falar, constituir-se em sujeito de linguagem. A linguagem é, pois, condição da humanidade do homem, já que só o ser humano pode ser *in-fans* (aquele que não fala); nessa descontinuidade é que se funda a historicidade do ser humano. Se há uma história, se o homem é um ser histórico, é só porque existe uma infância do homem, é porque ele deve se apropriar da linguagem. Se assim não o fosse, o homem seria natureza e não história (p. 46; grifo do autor).

Assim, é necessário que o/a professor/a, a família e a sociedade considerem a criança como ser social, produto e produtor de cultura, cuja história é marcada pelas relações que estabelece com o outro pelo uso da linguagem, proporcionando ambientes que garantam o uso da linguagem oral e escrita, para que as crianças sintam necessidade de usar.

Era uma vez... Relatos e práticas de letramento

Nesta seção vamos destacar alguns elementos de análise que serão descritivos, trazendo sugestões de atividades que foram realizadas durante os encontros.

O primeiro encontro foi marcado pela contação de história “Os animais selvagens”, um livro de pano e de textura; a leitura foi realizada por uma professora convidada do curso de Pedagogia/UFMS. Em nossos registros, foi possível notar a empolgação das crianças em relação ao que estava sendo contado: o olhar e o gesto foram, sem dúvida, o mais marcante deste primeiro encontro. O contato com a leitura, a música, os desenhos, não apenas de livro de histórias, mas de todos os meios de interação que se têm na sociedade, são de fundamental importância nesse processo.

Todavia, o contato com livros, aqui em especial os de literatura infantil, é imprescindível nesse processo para estimular a criança ao prazer e à importância que a leitura de histórias proporciona ao nosso cotidiano. Como afirma Martins (2003, p. 42), “um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro”. Nesse aspecto, podemos afirmar que muito antes de a criança saber ler, é essencial que ela folheie, toque um livro, que vivencie situações de leitura realizadas pela professora, pela família, para que, desde a tenra idade, ela tenha uma mediação que lhe permita, posteriormente, realizar o contato e a leitura de livros de modo autônomo, criativo e significativo.

Bárbara², após a contação, entusiasmada, pegou em mãos o livro e mostrava a seus pais e às outras crianças todas as imagens contidas no livro. Contou a história sem o uso das palavras, apenas com o uso dos gestos.

No segundo momento do encontro, cantamos com as crianças a música “Sítio do seu Lobato”, que cita alguns animais e os sons que eles emitem. Algumas crianças imitaram, logo após a música, o som dos animais. Pedimos que alguma mãe, pai ou responsável recontasse a história com as crianças. Uma mãe se propôs a reler. Logo após essa releitura, entregamos às crianças massa de modelar a fim de que modelassem os animais descritos na história contada.

Buscamos essa maior aproximação, pois sabemos que a linguagem oral e escrita está presente no cotidiano e na prática das instituições de educação infantil na medida que todos que dela participam, crianças e adultos, falam e se comunicam entre si, expressando sentimentos e ideias.

² Nome fictício para preservar a identidade da criança.

As diversas instituições concebem de modos bastante diferentes a linguagem e a maneira como as crianças aprendem. Vigotski chama a atenção para o fato de que, para compreender adequadamente o desenvolvimento, devemos considerar não apenas o nível de desenvolvimento real da criança, mas também o nível de desenvolvimento potencial, isto é, sua capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos ou de companheiros mais capazes:

Essa função de comunicação com os outros é bem visível no bebê que está começando a aprender a falar: ele não sabe ainda articular palavras, nem é capaz de compreender o significado preciso das palavras utilizadas pelos adultos, mas consegue comunicar seus desejos e seus estados emocionais aos outros através de sons, gestos e expressões. É a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem (OLIVEIRA, 1997, p. 42).

No encerramento, algumas mães, pais e até avós que tiveram a oportunidade de acompanhar esse primeiro encontro e fazer parte dele agradeceram a iniciativa e elogiaram a proposta por ser um momento lúdico entre os pais e as crianças.

No segundo encontro, contamos a história da “Margarida Dorminhoca”, um livro de pano cedido por uma das professoras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) que trabalham com este artefato cultural. No momento em que estava sendo realizada a leitura pela professora doutora Regina Aparecida Marques de Souza, coordenadora e autora do projeto, observamos que algumas crianças repetiam a história em voz alta, enquanto outras observavam com muita atenção. Logo após, iniciamos a pintura de desenhos com tinta guache.

Essas duas práticas nos propiciaram a possibilidade de realizar algumas conclusões prévias, como: a prática da leitura, como facilitadora da aprendizagem e do desenvolvimento da linguagem oral e escrita; a pintura, como processo de internalização e criação, e o convívio com outras crianças, como possibilidade de socialização e uso da fala.

Com fundamento em Souza (2011, p. 177-178), encontramos um apontamento sobre a especificidade do letramento:

O trabalho com letramento na Educação Infantil deve ser direcionado para a compreensão do conceito e sua prática no cotidiano das crianças, respeitando a sua idade e seu desenvolvimento, apresentando atividades que favoreçam os aspectos cognitivo, afetivo, psicossocial, ambiental, entre outros. Enfatizamos essas atividades porque a criança pode não saber ler ou escrever convencionalmente, mas sabe fazer o uso da leitura

e da escrita a partir dos seus conhecimentos apropriados do seu meio social através de um adulto ou uma criança mais experiente.

Portanto, é através de um ambiente letrado e com a ajuda de um/a mediador/a nesse processo que a criança poderá se desenvolver e expressar sua linguagem oral e, posteriormente, a escrita, para que sua capacidade de representação seja assim manifestada.

Dessa forma, ficam evidentes, nos encontros, as inúmeras possibilidades de trabalho a partir dos conceitos de letramento, linguagem oral e escrita. Nossos resultados, ainda preliminares, indicam que as crianças gostam de ouvir histórias e delas participar. A presença do pai/mãe ou responsável trouxe maior liberdade e confiança aos/às pequenos/as.

Pudemos presenciar, em um dos encontros, à emoção de uma mãe que, segundo a própria, até aquele momento ainda não havia participado de nenhuma reunião de sua filha. Assim, nossa intenção é de cada vez mais agregar novos conhecimentos e refletir sobre o que deu certo e o que não deu certo, tentando sempre transformar a realidade.

Fica evidente como é importante a proposta do planejamento para começarmos a entender uma nova perspectiva e colocá-la em prática para que assim, em todos os momentos de interação social, seja ao ouvir uma música, seja uma pessoa conversando, ou um *slogan*, possamos propiciar à criança momentos lúdicos e prazerosos com o intuito de desenvolver sua linguagem, tanto oral como escrita, mostrando-lhe o prazer, a aprendizagem e o desenvolvimento, contribuindo na formação da atitude de leitura e produção de texto nas crianças pequenas (MELLO, 2012).

A título de conclusão

Ao longo desses três anos de “Práticas de Letramento com crianças”, pudemos fortalecer a ideia de que pensar o letramento na educação infantil é garantir que não se perca o sentido da educação inicial, que não se homogeneizem as crianças na instituição educativa, sobretudo, que se garantam momentos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, partindo da compreensão de que ela é capaz de criar, de se expressar e de usar a leitura e a escrita a seu modo, seja nas situações dos gestos, dos desenhos ou dos brinquedos.

Desde a mais tenra idade, as crianças estão rodeadas de materiais de leitura e escrita, como revistas, jornais, panfletos, entre outros, materiais estes que, de acordo com a teoria vigotskiana, atuam como mediadores no processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma vez que a relação humana com o mundo é mediada por instrumentos e signos.

Assim, é possível garantir que as crianças sejam consideradas o centro do contexto educacional, excluindo a ideia adultocêntrica que circula nos espaços destinados à infância, à criança e ao seu conhecimento.

Em relação às inquietações existentes no período anterior à pesquisa-extensão, podemos afirmar que trabalhar com crianças pequenas é compreender um mundo totalmente superior àquele no qual estamos inseridos, pois elas são capazes de criar, recriar, aprender e desenvolver de modo totalmente qualitativo, tornando o trabalho significativo, prazeroso e encantador.

Esperamos que as experiências aqui relatadas sejam divulgadas e possam provocar transformações sociais, mostrando aos/as profissionais da educação, aos/as que atuam diretamente com as crianças, à família e à sociedade em geral que há uma gama de trabalhos e formas de mostrar à criança a leitura e a escrita, de modo que se tornem cada vez mais prazerosas à própria criança, que possuam em si um significado real de prazer e aprendizado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ivone Garcia e MAGALHÃES, Solange M. Oliveira. Método Dialético: uma construção possível na pesquisa em educação da infância? In: **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**. UERJ, a. 4, n. 2. 2. sem. de 2004. p. 47-58.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 3. v., 1998, p. 117- 133.

_____. Conselho Nacional de Educação. Resolução n.5. **Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil**. Brasília: 2009, p.1-5.

KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e ensino fundamental. In: **Educ. Soc.**, Campinas, n. 96 - Especial, v. 27, p. 797-818, out. 2006.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

MELLO, Suely Amaral. Letramento e alfabetização na Educação infantil, ou melhor, formação da atitude leitora e produtora de textos nas crianças pequenas. In: VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado (Orgs.). **Educação e sociedade: Questões contemporâneas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. p. 75 a 87.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vigotski - aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico** / Martha Kohl de Oliveira. São Paulo: Scipione, 1997 (Pensamento e ação no magistério).

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, Regina Aparecida Marques de. Letramento na Educação Infantil: “Quem tem medo do lobo mau...”. In: **Inter-Ação**: revista da faculdade de educação de Goiás, v. 33. p. 265-279, jul./dez. 2008.

_____. Letras para sustentabilidade. A linguagem oral e escrita no contexto da infância. In: Salmaze, Chaves, Spíndola. **Desenvolvimento e sustentabilidade: revelando olhares, valoriza educação da infância** (2011, 380 p.; p. 170-181).

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VYGOTSKI, L. S. Obras Escogidas III. Madri: Visor, 2000.